

## THE KENNEL MURDER CASE / 1933 (Morte no Canil)

Um filme de Michael Curtiz

*Realização:* Michael Curtiz / *Argumento:* Robert N. Lee, Peter Milne / *Adaptação:* Robert Presnell Sr., a partir do romance homónimo de S. S. Van Dine / *Diálogos:* Arthur Greville Collins / *Direção de fotografia:* William Rees / *Direção de arte:* Jack Okey / *Guarda-roupa:* Orry-Kelly / *Som:* Charles Althouse (não creditado) / *Montagem:* Harold McLernon / *Música original:* Bernhard Kaun (não creditado) / *Maestro:* Leo F. Forbstein (Vitaphone Orchestra) / *Anotação:* Ruth Brownson (não creditada) / *Assistente de realização:* William C. McGann (não creditado) / *Interpretação:* William Powell (Philo Vance), Mary Astor (Hilda Lake), Eugene Pallette (Detective Heath), Ralph Morgan (Raymond Wrede, o assistente), Robert McWade (Procurador Markham), Robert Barrat (Archer Coe), Frank Conroy (Brisbane Coe), Etienne Girardot (Dr. Doremus), Paul Cavanagh (Sir Thomas MacDonald), James Lee (Liang), Arthur Hohl (Gamble, o mordomo), Helen Vinson (Doris Delafield), Jack La Rue (Eduardo Grassi), Harry Allen (Sandy - não creditado), Wade Boteler (Agente Mellish - não creditado), George Chandler (jornalista - não creditado), Spencer Charters (Agente Snitkin - não creditado), Leo White (funcionário - não creditado).

*Produção:* Warner Bros. (Estados Unidos da América, 1933) / *Produtor:* Robert Presnell / *Direção de produção:* Al Alleborn (não creditado) / *Cópia:* DCP (a partir de suporte original em 35mm), preto e branco, falada em inglês, legendada eletronicamente em português / *Duração:* 73 minutos / *Estreia:* 28 de outubro de 1933, EUA / *Estreia nacional:* editado em VHS em 1999 pela Costa do Castelo com o título “Morte no Canil” / *Primeira exibição na Cinemateca.*

---

Chegar a **The Kennel Murder Case** é como tentar apanhar um comboio em movimento. O filme, realizado por Curtiz, é apenas um dos vários tomos da série dedicada ao detetive Philo Vance. A personagem de Vance, criada pelo escritor S. S. Van Dine (pseudónimo do crítico de arte Willard Huntington Wright) desmultiplicou-se em doze romances, escritos ao longo das décadas de 1920 e 30. A novela homónima, *The Kennel Murder Case*, começou por ser publicada em modo folhetim na revista *Cosmopolitan* entre novembro de 1932 e fevereiro de 1933, tendo depois saído como romance de capa dura nesse mesmo ano de 1933. O primeiro parágrafo de *The Kennel Murder Case* começa, precisamente, com uma referência aos tomos anteriores: “It was exactly three months after the startling termination of the Scarab murder case that Philo Vance was drawn into the subtlest and the most perplexing of all the criminal problems that came his way during the four years of John F.-X. Markham's incumbency as District Attorney of New York County.” *The Scarab Murder Case* havia sido publicado em 1930 e a trama seria seguida, em 1934, por *The Dragon Murder Case*, igualmente adaptado ao cinema nesse mesmo ano.

Em **The Kennel Murder Case**, William Powell interpreta, pela última vez, o papel de Philo Vance, depois de ter dado corpo ao detetive três vezes antes: **The Canary Murder Case** (1929, Malcolm St. Clair), **The Greene Murder Case** (1929, Frank Tuttle) e **The Benson Murder Case** (1930, Frank Tuttle). A partir de **The Dragon Murder Case** (1934, H. Bruce Humberstone) o papel principal passou a pertencer a Warren William (conhecido como o “Rei do Pré-código”). Posteriormente Vance seria interpretado por atores como Paul Lukas, Edmund Lowe, Basil Rathbone, Grant Richards, Alan Curtis ou James Stephenson. Ao todo realizaram-se quinze filmes em torno da personagem deste detetive, adaptando-se todas as novelas, fazendo-se um *remake* – **Calling Philo Vance** (1940, William Clemens), que repete, justamente, **The Kennel Murder Case** – e inventando-se três novas histórias para cinema que, segundo os conhecedores, desvirtuam a personagem e o tom dos livros.

A popularidade da personagem de Philo Vance, na figura de William Powell, era tal que, em 1934, quando se preparava para estrear **The Thin Man** (realizado por W. S. Van Dyke a partir doutro romance policial,

desta feita de Dashiell Hammett, o autor de *The Maltese Falcon*), a MGM criou uma campanha publicitária onde Powell como Philo Vance conversava com Powell como Nick Charles, o detetive da série **The Thin Man** (série esse composta por seis filmes, realizados entre 1934 e 1947, todos protagonizados por Powell). Nesse divertido *trailer*, Charles/Powell sai, literalmente, de dentro do livro de Hammett para conversar com Vance/Powell, pedindo-lhe ajuda para resolver um caso de homicídio, já que ele tinha acabado de solucionar o complicado Kennel Muder Case. Havia, portanto, da parte da MGM uma evidente vontade de participar do subgénero popular dos policiais “Whodunit”, isto é, os filmes em que um detetive tenta descobrir “quem matou”.

O curioso é que William Powell, ator cuja carreira seria dedicada a este tipo de personagens – detetives astutos, algo *snobs*, que desmontam os mais intrincados casos de homicídio a partir da sua suprema astúcia –, foi o primeiro a admitir em entrevista, logo em 1930, pouco depois do primeiro filme da série de Philo Vance, que as personagens de detetives eram pouco interessantes para um ator. “As oportunidades de um detetive no ecrã são excessivamente limitadas. Qual é a sua função principal? Resolver o crime. E como é que o faz? Pensando. Assim, temo-lo de pé e a pensar, sentado e a pensar, deitado e a pensar, ad nauseam. É praticamente o único elemento do elenco que não tem hipótese de ação dramática ou de caracterização marcante. O interesse gira à volta dele, é verdade - mas ele é como uma pedra no centro de um redemoinho. Não tem hipótese de atuar!”

De facto, a personagem de Vance é particularmente irritante – Raymond Chandler, outro dos autores deste tipo de novelas policiais que os americanos chamam “hardboiled”, referiu-se-lhe como “a mais asinina personagem da ficção de detetivas” no seu ensaio sobre o género *The Simple Art of Murder*. O que irrita em Vance é, além da postura altiva e professoral, o próprio esquema narrativo das novelas, invariavelmente construído de trás para a frente. Dito doutro modo, são histórias de detetives onde o enigma se desenvolve a partir da falta de informação que vai sendo gerida de forma controlada, e sempre numa lógica de “remontagem” da cena do crime. O espectador é, então, colocado numa posição passiva, identificando-se com a figura do imbecil agente da polícia, que se limita a acompanhar as descobertas e as grandes deduções do mestre de cerimónias.

De qualquer forma, **The Kennel Murder Case** é um filme que demonstra a justeza escorreita do cinema de Michael Curtiz. A câmara nunca é impositiva, mas está cheia de soluções imaginativas, propondo esquemas visuais inusitados e bastante eficazes: os *splitscreens* oblíquos, os movimentos de grua que estabelecem a ligação entre os diferentes espaços, o recurso ao fora de campo para a construção do mistério, os planos semi-subjetivos a partir de janelas, portas entreabertas e fechaduras, os *close-ups* de mãos e objetos transformados em exercício lúdico de bricabraque. Curtiz parece ter percebido o método de S. S. Van Dine e, na sequência da revelação final, transforma a própria perversão narrativa a seu favor, através do jogo com as maquetes – maquetes essas que revelam o próprio artifício do filme, que as havia usado no início do filme para situar a ação. Nessa cena, Vance/Powell, com o seu postigo sotaque britânico, explica que está, finalmente, capacitado para juntar as peças do complexo *puzzle*. As maquetes vão-se desmontando e a presença de Vance transforma-se, de forma objetiva, numa espécie de demiurgo que observa os pequenos humanos do alto da sua sapiência. Ele, gigantesco à escala das maquetes, monta e desmonta o espaço, aponta os gestos com a sua lapiseira, orienta ações e pensamentos. Ali, naquele instante, Curtiz revela o complexo de Deus que aflige a personagem e a própria série de romances. E fá-lo com uma elegância discreta, nada ostensiva ou desafiadora. Expõe sem afirmar. E fica tudo dito.